

Sexualidade: Uma Abordagem Mais Ampla

Quando se fala de sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade, uma vez que ela está estreitamente ligada às relações afetivas. A sexualidade é um atributo de qualquer ser humano. Mas para ser compreendida, não se pode separá-la do indivíduo como um todo. Ela é parte integrante e intercomunicante de uma pessoa consigo mesma e para com as outras. Portanto, é muito mais do que simplesmente ter um corpo desenvolvido ou em desenvolvimento, apto para procriar e apresentar desejos sexuais. Trata-se, também, de uma forma peculiar que cada indivíduo desenvolve e estabelece, para viver suas relações pessoais e interpessoais a partir de seu papel sexual. Daí podermos afirmar que a sexualidade é um instrumento relacional importante, embora não seja o único.

Nos últimos vinte anos tem-se falado muito no assunto. Criaram-se diversas teorias, realizaram-se vários estudos, e o tema conquistou um espaço fantástico nos jornais e revistas. No entanto, toda esta publicidade ocasiona, muitas vezes, uma idealização da vida sexual, dando a falsa impressão de que existe uma fórmula única de viver plenamente a sexualidade, um padrão sexual, um modelo estruturado ao qual todos os indivíduos devem se adaptar. E, desse modo, inverte-se o ritmo natural das coisas. A sexualidade existe para servir ao indivíduo e não o contrário, o indivíduo para viver a serviço da sexualidade. Até parece que ela é o seu objetivo de vida e não uma conseqüência natural de seu desenvolvimento como ser humano.

A nossa cultura tem uma tendência de reduzir a sexualidade a sua função reprodutiva e genital, sem levar em conta a importância dos sentimentos e emoções decorrentes do processo educacional e vivencial do indivíduo na vida sexual. O fato é que cada um pode viver muito bem, e plenamente, de acordo com o que suas circunstâncias lhe permitem.

1 Enfermeira-obstetra e de saúde pública com formação em Psicodrama; coordenadora geral e da área de Adolescência do instituto Kaplan - Centro de Estudos da Sexualidade.

Sem dúvida, as pessoas que puderam ter mais experiências de vida e ampliar seus conhecimentos, alcançaram maior riqueza em suas relações. Mas isso não significa que sejam mais ou menos felizes sexualmente do que outras que não tiveram as mesmas oportunidades.

Os três pilares da sexualidade

Vista como um instrumento relacional importante, a sexualidade fundamenta-se no aspecto biopsicossocial de cada indivíduo. Assim, ela é construída a partir de três elementos primordiais: o potencial biológico, o processo de socialização e a capacidade psicoemocional. O saldo da dinâmica entre esses pilares é inevitavelmente de conflitos. Para entender a natureza desses conflitos, é preciso ter em mente que existem duas forças antagônicas: de um lado, temos a necessidade sexual básica, cujos mecanismos fisiológicos de resolução nem sempre coincidem com as normas vigentes em nossa cultura. De outro lado, há o fato de que, como seres sociais que somos, temos de nos adaptar às regras de convivência.

Dois estruturas mentais importantes nos ajudam a administrar esses conflitos: o funcionamento intelectual e a capacidade adaptativa, ambos responsáveis pela aprendizagem dos códigos de comportamento social e pela incorporação dos valores embutidos nesses códigos. Além disso, possibilitam ao ser humano a utilização de mecanismos compensatórios que favorecem e estimulam a adaptação, tais como o lazer, as relações sociais, o investimento pessoal e profissional e, sobretudo, as experiências com relacionamentos afetivos, que nos permitem usufruir de uma sexualidade mais ampla.

A sexualidade não é um fato isolado, mas é moldada e expressa concretamente nas relações que o sujeito estabelece, desde a mais tenra idade, consigo mesmo e com os outros.

A Adolescência

Um indivíduo com o corpo na puberdade e a mente descobrindo o pensamento- este é o adolescente. Nessa idade, duas coisas acontecem simultaneamente e ocupam quase todo o espaço psíquico: a descoberta da capacidade de pensar e a sexualidade focalizada nos genitais.

Na puberdade, o corpo infantil se transforma num corpo adulto. Seu início não tem dia nem hora marcados. Pode começar aos oito anos apenas ou aos quinze, por exemplo. Cada pessoa tem o seu tempo e desenvolve as diversas partes do organismo de forma individual e progressiva. Portanto, é quase impossível determinar com exatidão o início da puberdade.

O importante é observar que as modificações corporais ocorrem gradualmente, passando por três estágios biológicos bem marcados: o pré-puberal, quando surgem as primeiras modificações corporais; o puberal, quando essas mudanças do organismo colocam em ação a capacidade reprodutiva, isto é, as meninas passam a amadurecer seus óvulos e os meninos, a produzir espermatozóides; e o pós-puberal, no qual os órgãos funcionam como num adulto e adquirem os caracteres sexuais secundários.

Quando a criança entra na puberdade, uma série de alterações ativadas pela hipófise ocorre gradativamente no corpo. Localizada no cérebro, essa glândula é a responsável pela produção dos hormônios sexuais que colocam em atividade os ovários e os testículos. Na mulher, os principais são o estrógeno e a progesterona e, no homem, a testosterona.

A primeira modificação aparente da puberdade é o aumento do tamanho dos seios, nas meninas, e o do pênis e dos testículos, nos meninos. Ambos crescem em altura, aumentam sua estrutura muscular, alteram o tom da voz e começam a apresentar pêlos nas axilas e ao redor dos órgãos sexuais. Nos rapazes surgirão, ainda, barba e bigode. Uma das características deste período é o aparecimento de acne (espinhas). Por ação dos hormônios, o organismo começa a fabricar uma quantidade maior de ácidos graxos (gordura), que favorece a formação de uma capa lubrificante na pele. Quando os hormônios sexuais atingem um nível específico, acontece o marco mais importante desta fase: a primeira menstruação para as garotas (menarca) e o início da produção de sêmen para os garotos (semenarca).

Há uma razão clara para o fato de a mulher "ser um bicho esquisito que todo mês sangra": seu corpo possui agora todos os elementos básicos necessários para ela gerar um bebê. Mas existe uma diferença muito grande entre estar biologicamente habilitada para ter um bebê e "ser mãe".

No menino, a primeira ejaculação costuma ocorrer enquanto está dormindo. É a chamada polução noturna, um mecanismo do qual o organismo se utiliza para esvaziar a ampola que armazena o sêmen e dar lugar para novos espermatozoides. Este acontecimento independe da vontade do garoto. Às vezes, por falta de informação sobre esse episódio, ele corre o risco de confundi-lo com a eliminação de urina. A produção de sêmen é o indício de que o rapaz possui agora a capacidade para a reprodução. Daí a ser pai, é uma outra história.

Neste período repleto de transformações, os adolescentes costumam se dar conta, também, do principal atributo sexual, que é a capacidade orgásmica, isto é, a possibilidade de erotização e de obtenção de prazer através do sexo. Esta descoberta, associada aos estímulos hormonais e à aquisição do pensamento abstrato, capacita o adolescente a especular e abstrair no campo da sexualidade. E, assim, ele percebe os impulsos sexuais, pratica atividades sexuais, como a masturbação, treina seu papel sexual, sonha com as pessoas-alvo de seu desejo e com o que lhe dá prazer, para, no futuro, usufruir da sexualidade de forma mais ampla e com a perspectiva de envolvimento amoroso.

A adolescência possui aspectos específicos, com relação às idades. Um garoto de doze anos, por exemplo, não tem o mesmo comportamento e interesse ante a sexualidade que outro de quinze anos.

Dez a doze anos

É o início da aquisição do pensamento abstrato que vai coexistir com o pensamento concreto. Este fato desencadeia no adolescente a formulação de hipóteses que muitas vezes são vividas como verdades e determinantes de seu comportamento. É uma fase de comportamentos claramente ambíguos: ora infantil, ora adulto. É o período das novidades

e mudanças físicas mais acentuadas. Portanto, existe uma grande expectativa do adolescente desta faixa etária no que se refere a estas mudanças, às funções sexuais e reprodutivas e à forma como tudo isto repercute em suas relações familiares e sociais.

Treze a catorze anos

O adolescente, nesta faixa etária, tem maior probabilidade de procurar se desfazer dos conceitos adquiridos no meio familiar e sair à procura de novos conceitos. É um período no qual ele se encontra bastante vulnerável. Diante de situações novas, defende-se muitas vezes por meio dos mecanismos mais primitivos de defesa: a oposição e a agressão. Os meninos, de uma forma geral, tornam-se bravos, mal-humorados, contestadores, insatisfeitos, impulsivos etc. Produzem espermatozoides e a masturbação é uma atividade praticada com muita frequência. Já as meninas vão brigar por seu ponto de vista e por aquilo que consideram justiça. Defendem a amiga com "unhas e dentes", falam mais que os meninos, choram com facilidade e adoram escrever bilhetinhos de amor que, muitas vezes, não chegam às mãos do destinatário. É um período ingrato ante o modelo de beleza atual, pois elas podem engordar mais do que crescer (cf. TIBA, 1994).

Quinze a dezesseis anos

É a fase dos meninos que Içami TIBA (1994) chama de **mutação**. Segundo o autor, esse momento marca o fim do estirão e deixa os adolescentes com um aspecto feio. Ocorre um crescimento rápido das partes cartilaginosas do rosto (nariz, orelhas, pomo-de-adão), que provoca uma desproporção em relação à parte óssea. A pele seborréica, suada e cheia de espinhas, e a voz que engrossa descontroladamente contribuem para caracterizar esta fase como "a idade do sapo".

Dezesseis anos em diante

É o momento de aproveitar e desfrutar da adolescência. A energia vital e sexual é grande, há uma tendência ao egocentrismo e à vida em grupo, isto é, a turma adquire uma dimensão mais ampla e de importância fundamental em sua vida. Tanto que se pode dizer que há algo de errado com os que não têm amigos do lado. O grupo, agora, reúne pessoas de ambos os sexos e reina uma grande cumplicidade entre os membros. Dita a moda, a música, o comportamento e até a linguagem. Um exemplo característico é a hora da saída de uma escola que não obriga os alunos a usarem uniforme: se observarmos, iremos perceber que todos se vestem do mesmo jeito, inclusive nas preferências por cores e griffes. Estão uniformizados de adolescentes.

Embora falar em cumprimento de regras sociais na adolescência possa parecer um paradoxo, o grupo possui normas implícitas que precisam ser seguidas para a aceitação dos membros. Eles põem em prática o seu papel social, compartilham atos e idéias, decidem que valores vão respeitar e aprendem a enfrentar os conflitos que surgem dos confrontos com opiniões diferentes. A dinâmica que se estabelece entre os componentes do grupo exige um nível de exposição pessoal que, inevitavelmente, deixa transparecer as inseguranças de cada um. Daí a importância de haver cumplicidade e aceitação entre os membros.

A adolescência, de acordo com Içami Tiba, é uma espécie de segundo parto, no qual a criança nasce da família para a sociedade. A família é o útero que proporciona o desenvolvimento e prepara a criança para, neste período da adolescência, sobreviver na sociedade por si mesma. O autor (1994) fala que "se no ventre materno a mensagem dominante que a criança recebia era ditada pelos cromossomos, no útero familiar a mensagem dominante será a do **como somos**". Ou seja, a forma que os pais mostram como vivem, se sentem e agem diante da vida.

A construção da identidade sexual

Durante a gestação do **como somos**, transmitem-se as idéias e conceitos sobre o que é ser homem e mulher em seu meio social. Essas mensagens não são necessariamente verbalizadas. Passam por detalhes como o lugar em que o pai se senta, as coisas que a mãe faz e fala, o fato de o pai não ser incomodado ao descansar, a valorização que o pai dá à mãe e vice-versa. Neste convívio, o adolescente adquire e incorpora a condição do gênero masculino e feminino.

Brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança. Através da brincadeira, ela treina ações futuras, aprende novos papéis, ensaia o comportamento esperado do sexo a que pertence, elaborando as informações que foram transmitidas para ela. Quando o adulto quer saber o que uma criança pensa sobre as coisas, basta observar suas brincadeiras. Não raramente, seu contexto está ligado à imitação de atividades realizadas tanto pelo pai como pela mãe. E, assim, vai atravessando diversas etapas no processo de identificação sexual: no início, imita as pessoas que têm para ela grande valor afetivo. Depois, ao descobrir que é homem ou mulher, trata de repetir os comportamentos do progenitor do mesmo sexo. Fato é que, aos três anos, já se reconhece como menino ou menina. Se sua orientação sexual em termos do desejo será dirigida a pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, isto já é outra história. No início, a identificação pode ocorrer com ambos os pais. A criança adota atitudes e imita comportamentos de acordo com características que considere dignas de seu apreço. No período pré-escolar, entre quatro e cinco anos de idade, as crianças sentem-se estimuladas a se identificar com o progenitor do mesmo sexo. A partir do momento em que notam a semelhança sexual, percebem que as ações imitadas do pai ou da mãe especificamente costumam ser mais recompensadas e, portanto, tendem a repeti-las cada vez mais.

A imitação e a socialização fazem a criança incorporar aspectos de seu cotidiano e também as atitudes sexuais do adulto, sobretudo os beijos e abraços que vê na televisão. Ao longo da infância, o indivíduo adquire e incorpora elementos para a definição de sua identidade sexual. Porém, é na adolescência que esta encontra as condições favoráveis para se estabelecer.

Existem várias teorias acerca do desenvolvimento da identidade sexual. A que descrevo aqui é a do psicodramatista Victor DIAS (1994), que nos dá subsídios teóricos para explicar comportamentos e esclarecer atitudes que podem levar o professor a interpretar de forma inadequada as relações adolescentes.

Segundo este autor, durante a trajetória do desenvolvimento da identidade sexual, existem três fases características: a auto-sexual, a homossexual e a heterossexual.

A primeira se instala a partir das experiências que ocorrem dos quatro aos seis anos. É a descoberta do direito ao prazer, através da manipulação do próprio corpo. É a intimidade consigo mesmo. Há casos em que esta fase se prolonga até a vida adulta, quando, mesmo nos relacionamentos amorosos, a pessoa se mantém com a atenção voltada só para si, sem conseguir compartilhar intimidades.

A denominada fase homossexual vai ocorrer entre os dez e doze anos aproximadamente. Em geral, na turma, o adolescente vai encontrar uma pessoa do mesmo sexo que será seu grande amigo. Os pais perdem quase que completamente o seu espaço de companheiros do filho. Este grande amigo é, na verdade, a idealização de tudo que ele quer ser como homem ou mulher especificamente. Através do outro, que tem um corpo igual ao dele, faz comparações corporais. Às vezes, neste processo podem surgir jogos sexuais. Porém, mais importante que a intimidade física, enfatiza DIAS, é a profunda intimidade psicológica que se estabelece neste relacionamento.

Tudo isso faz parte de um processo de identificação iniciado ainda na infância, quando se internalizam as características e comportamentos típicos da pessoa do mesmo sexo. Agora, o adolescente precisa de um substrato para jogar sua identidade feminina, no caso das meninas, e masculina, no dos meninos. Essa idealização de si é refletida no outro para depois retornar a ele. E, assim, cada adolescente vai estruturando sua própria identidade, ou seja, aprendendo a se sentir e a ser do sexo a que pertence.

Na adolescência propriamente dita, em torno dos quinze ou dezesseis anos, é que o adolescente está estruturado para lidar com o sexo oposto. É a considerada fase heterossexual. Contudo, segundo ERICKSON (1987), o amor adolescente é ainda uma tentativa de se chegar a uma definição da própria identidade. No início, eles gastam a maior parte do tempo juntos conversando. Cada um está preso em si mesmo. Aos poucos, o relacionamento evolui para um processo de trocas em que ambos passam a poder inverter os papéis. Isto é, conseguem identificar como o outro sente, sem perder sua identidade sexual. Este é o ápice da aquisição da identidade e da possibilidade de manter um relacionamento heterossexual.

O Trabalho de Educação Preventiva em Escolas

O exercício da sexualidade pode ser uma fonte de imenso prazer e de expressão de sentimentos profundos próprios do encontro amoroso, mas também pode ser uma fonte de graves transtornos na vida pessoal e social de um indivíduo. A presença da AIDS e o aumento de gravidez na adolescência são fatos constatados e que reforçam a hipótese de que a desinformação, a repressão, o silêncio, o medo e outros sentimentos negativos parecem limitar as escolhas do adolescente, ante a vida sexual e reprodutiva, criando situações de difícil atuação para pais e profissionais que lidam com jovens.

Nas últimas três décadas, a sociedade sofreu mudanças contundentes com relação ao estilo de vida e aos valores ligados à sexualidade. Com isto, deixou de exercer, ativamente, o papel de controladora da vida sexual dos jovens e transferiu para eles próprios a responsabilidade por suas condutas sexuais.

A gravidez na adolescência e a AIDS são atualmente os **grandes inimigos** da vida sexual dos jovens, por suas conseqüências na saúde e no desenvolvimento pessoal e econômico. Para combatê-los, nada como conhecer muito bem suas características, como agem e de quais recursos dispomos para entrar neste combate. A partir daí, de acordo com as

circunstâncias de vida de cada um, o jovem faz suas escolhas diante desse fato, monta sua estratégia e assume uma conduta. Parece fácil, mas é aí que se encontra o grande desafio do trabalho de prevenção! A conduta, de acordo com PILON (1987), "é produto de uma bússola interna, constituída de valores e crenças introjetadas socialmente ou desenvolvidas pela reflexão filosófica, religiosa, ou científica". Isto significa que o ser humano está em constante processo educativo em relação á sua sexualidade dentro de seu âmbito familiar e social.

A gravidez na adolescência é um problema multifacetado, de difícil solução e que sofre influências de vários fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Por sua vez, a contaminação pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), que causa a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), está associada a comportamentos que possibilitam o contato com sangue, sêmen e secreções vaginais. Portanto, a prevenção no âmbito da sexualidade envolve a utilização de métodos seguros, recomendados pelas organizações especializadas, tais como o uso de "preservativo" (a "camisinha") e as práticas sexuais que não redundem numa relação com penetração peniana. Essas práticas criam circunstâncias que vão atingir, de uma forma geral, a auto-imagem em relação à valoração social. A alternativa é desenvolver uma cultura que favoreça a adequação do comportamento sexual do jovem à prevenção de Gravidez, AIDS e Doenças Sexualmente Transmissíveis.

A Escola foi o local eleito para inserir no processo educacional a educação preventiva. Possui uma estrutura adequada para proporcionar o aprendizado formal; é um lugar freqüentado por grande número de crianças e jovens, continuamente, durante várias horas de seu dia e por um longo período de sua vida, e favorece as relações sociais e trocas intensas de informações e de normas de conduta, que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo.

Pressupostos do trabalho de educação preventiva

- Todo jovem tem o dever e o direito à realização pessoal/social.

A educação preventiva, para ser eficaz, necessita englobar a formação de hábitos, atitudes e valores condizentes com a valorização da vida. Portanto, é imprescindível que o profissional esteja convicto deste direito, e mais: de que ele pode contribuir para esta realização através deste trabalho. Por outro lado, o adolescente precisa ser/estar convencido de que a melhoria da qualidade de vida e o respeito à cidadania fazem parte dos direitos humanos.

- O adolescente é um ser sexuado.

A abordagem do trabalho deve partir do princípio de que todos os jovens vivem ou viverão logo a seguir sua vida sexual ativa. A conversa é franca eleva em consideração os valores próprios de cada sociedade, o espírito crítico e criativo para a busca de condutas que dispensem o risco desnecessário.

- Há aspectos socioculturais que dificultam a aquisição de responsabilidades.

Para assumir a sexualidade com responsabilidade, o adolescente tem de se deparar com circunstâncias diretamente ligadas a valores e crenças muitas vezes adversos à cultura sexual de nossa sociedade. Conceitos como **quem ama confia**, a valorização da

virgindade, a submissão feminina e o comportamento machista são alguns dos mecanismos inibidores das ações preventivas que temos encontrado na fala dos adolescentes.

- A informação é um bom instrumento.

Embora por si só não garanta a incorporação das ações preventivas, a informação técnico-científica é o referencial que dá a compreensão dos fatos. Através das temáticas específicas, o adolescente adquire o conhecimento necessário para poder relacionar suas atitudes aos fatores de risco e poder identificar o seu grau de maior ou menor vulnerabilidade diante de uma gravidez, da AIDS e DST

- A reflexão é imprescindível para alterar valores e crenças.

Na educação preventiva é importante utilizar uma metodologia participativa. Esta vai permitir a compreensão da temática específica dentro de uma abordagem que, além de evidenciar a dimensão individual e biológica, revela como o contexto sociocultural emergente e o processo psicológico se articulam entre si, definindo nesta circunstância a dinâmica sexual do adolescente diante dos fatores que contribuem para dificultar ou impedir a aquisição de hábitos de prevenção da AIDS, DST e gravidez.

- Todas as pessoas envolvidas com o adolescente contribuem nas medidas preventivas.

Para desenvolver o trabalho de educação preventiva é importante envolver todos os adultos que participam do cotidiano do adolescente. É necessário que a família e a instituição criem uma filosofia para lidar com a sexualidade do adolescente que seja compatível com a possibilidade de execução das ações preventivas.

Diretrizes do trabalho

O objetivo fundamental é desenvolver junto ao adolescente e aos adultos que o cercam uma cultura que favoreça a diminuição da vulnerabilidade do adolescente em contrair a gravidez, AIDS/DST. Em nossa experiência, pudemos identificar que é fundamental a criação de um ambiente onde as relações e informações favoreçam o desenvolvimento integral do adolescente. Para tanto, utilizamos em nosso trabalho a inserção da educação sexual e da orientação sexual nas ações preventivas.

- **Educação sexual:** A família é em primeira instância o elemento formador da criança, e os pais, desde muito cedo, se encarregam da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos de maneira informal, passando seus valores culturais e crenças através do trato com a criança. Simultaneamente, as relações sociais favorecem trocas intensas de informações e de normas de conduta, formando um amplo conjunto de influências exercidas direta ou indiretamente sobre o indivíduo. A este processo chamamos "educação sexual". Portanto, em qualquer situação, o adulto pode e deve participar da educação preventiva enfocando a qualidade de vida e o respeito à cidadania e aos direitos humanos.

- **Orientação sexual:** A orientação sexual tal como a entendemos pressupõe uma sistematização do conteúdo adquirido sobre a sexualidade através de informações e de experiências vividas. É uma atividade que se caracteriza como uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, através de esclarecimentos, informações adicionais e reflexões sobre fatos ligados à sexualidade.

A orientação sexual é uma prática realizada em diversos países da Europa e nos Estados Unidos, há vários anos, com objetivos que variam de acordo com os acontecimentos e mudanças sociais e científicas que podem interferir no comportamento sexual das pessoas. Atualmente, a sua justificativa se dá pela necessidade de o jovem de hoje ter um espaço para refletir e compreender as inúmeras informações e os estímulos sexuais aos quais está exposto, dentro de uma cultura que ainda tem dificuldades para lidar com a sexualidade. Portanto, a orientação sexual prioriza o desenvolvimento do papel sexual ante as circunstâncias de ordem pessoal e relacional.

Sua realização pode se dar tanto individualmente como em grupo. Através da coordenação de um orientador sexual, são proporcionados ao jovem esclarecimentos, informações adicionais e reflexões sobre temas e fatos ligados à sexualidade. O orientador faz uma pesquisa de coleta de informações acerca da realidade e dos dados que o indivíduo ou grupo possui sobre o tema a ser trabalhado, e a relaciona a seu contexto sociocultural e projeto de vida. Por exemplo: ao trabalhar AI DS/DST, o papel do orientador é sistematizar o conteúdo que o adolescente possui em relação às doenças, aos meios de transmissão e a seus mecanismos de prevenção, e proporcionar a intervenção necessária ao desenvolvimento de ações preventivas.

Elementos fundamentais do orientador

A orientação sexual é um trabalho que vai lidar diretamente com os conceitos e vivências que o adolescente/grupo tem introjetado sobre o tema em evidência e com a relação de valor que ele estabelece diante destas circunstâncias. Para tanto, é imprescindível que o orientador crie um **clima afetivo e de confiança** e faça uma pesquisa orientada e sistematizada para a identificação das necessidades e do tipo de intervenção pertinente para suprir as carências deste adolescente ou grupo na temática trabalhada. Este profissional, em geral, necessita de **supervisão e suporte técnico**, para garantir a realimentação profissional e assegurar ações preventivas efetivas.

- **Clima afetivo e de confiança:** É o estabelecimento de condições propícias ao crescimento. Baseia-se na relação interpessoal entre o orientador e o adolescente/grupo de adolescentes. É este clima que vai permitir que o adolescente conte a sua história e a versão dos fatos da forma mais completa possível. Ou seja, vai atuar como uma rede de sustentação para que a pesquisa se realize. Ele é composto de aceitação, proteção e continência. Estas características estão intimamente ligadas à vivência pessoal do orientador, a seu grau de saúde mental e a seu conhecimento teórico.

- **Pesquisa:** Ela compreende desde o conhecimento do contexto sociocultural do adolescente, a forma como ele se relaciona com os fatos, até a identificação do tipo de carência que dificulta a conduta responsável do adolescente. Ela é importante para o profissional atingir as necessidades específicas de sua clientela, não caindo no erro de trabalhar algo que já é de seu conhecimento ou que já faz parte de sua conduta. É a pesquisa que dará ao profissional o suporte para uma intervenção eficaz.

- **Intervenção:** São as modificações necessárias nos conceitos introjetados e nas relações que o adolescente estabelece com a temática em questão. Ela deve promover a reformulação do conceito sobre si mesmo, sobre seus valores e sobre os valores e conceitos dos que o cercam. Para tanto a intervenção deve ser efetuada através de uma metodologia com base na educação participativa, que tem

demonstrado garantir o envolvimento do adolescente e tem revelado ser um instrumento extremamente adequado à proposta do trabalho de orientação sexual, por proporcionar a aprendizagem e facilitar as relações interpessoais e a interação grupal.

• **Supervisão e suporte técnico:** Mecanismo de avaliação contínua que visa garantir a eficácia do trabalho, e imprescindível para a formação de uma cultura na área de educação sexual. Exige uma periodicidade de, no mínimo, um encontro por mês com os professores, no sentido de ampliar os subsídios teóricos e de auxiliar na implantação e manutenção das atividades que estes profissionais vierem a desenvolver nesta área, em sua instituição.

Considerações Finais

O trabalho de educação preventiva ligada à sexualidade envolve a definição de **diretrizes** que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. Na realização da orientação sexual, são fundamentais, para a credibilidade das ações preventivas, posturas seguras e assertividade, bem como que o corpo docente passe por uma **capacitação profissional** mais ampla, com relação ao conteúdo tanto técnico-científico como metodológico e vivencial. O processo de aprendizagem corresponde a uma assimilação por meio de uma reflexão crítica, estimulando a criatividade e a iniciativa, a serem desenvolvidas através de uma **metodologia adequada** que leve em conta o contexto sociocultural e os problemas a serem enfrentados. E, finalmente, para garantir o desempenho do educador em seu papel de orientador sexual e das propostas elaboradas para o trabalho de educação preventiva, estes profissionais necessitam de uma supervisão e suporte técnico de forma contínua.

Referências Bibliográficas

DIAS, V. R. C. S. Evolução da identidade sexual. In: . Análise psicodramática: teoria da programação cenestésica. São Paulo: Agora, 1994. p. 125-30.

ERICKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PILON, A. F. Cultura e sexo: expressões do projeto de vida. [Comunicação apresentada durante o "Programa Nacional de Treinamento em Educação da Sexualidade", promovido pelo MEC, Brasília (DF), 1987.]

TIBA, I. *Adolescência: o despertar da sexualidade*. São Paulo: Gente, 1994. p. 15-28.

Bibliografia

ARATANGY, Lúcia. O sexo é um sucesso. São Paulo: Ática. COSTA, Moacir. Sexo: o dilema do homem. São Paulo: Gente.

(Coord.). Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos. São Paulo: Gente.

- COSTA, Moacir, MONESI, Ângelo, MARTINS, Osvaldo. *Cem dúvidas sobre sexo*. São Paulo: Gente.
- DIAS, Victor R. C. S. *Análise psicodramática: teoria da programação cenestésica*. São Paulo: Agora.
- GHERPELLI, Maria Helena B. V. *Diferente mas não desigual: a sexualidade no deficiente mental*. São Paulo: Gente.
- GTPOS, ABIA, ECOS, SIECUS. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MACHADO, Osny Telles Marcondes. *Começo de conversa*. São Paulo: Saraiva.
- MADARAS, Lynda, SAAVEDRA, Dane. *O que está acontecendo com o meu corpo?: manual de crescimento para mães, pais, e filhos - especial para garotos*. São Paulo: Marco Zero.
- MADARAS, Lynda, MADARAS, Área. *O que está acontecendo com o meu corpo?: manual de crescimento para mães, pais, e filhos - especial para garotas*. São Paulo: Marco Zero.
- PAMPLONA, Ronaldo. *Os onze sexos*. São Paulo: Gente.
- RIBEIRO, Marcos (Org.). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rosa dos Ventos.
- TIBA, Içami. *Sexo e adolescência*. São Paulo: Mica.
- . *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Agora.
- . *Adolescência: o despertar do sexo*. São Paulo: Gente.
- VITIELLO, Néelson, CONCEIÇÃO, Ismeri S. C., CANELLA, Paulo Roberto B., CAVALCANTE, Ricardo C. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca.